

Infohabitar, Ano XIV, n.º 647

Artigo da Série “Apresentação comentada de livros sobre o Habitat Humano”, n.º II

Sobre o habitar - a propósito do livro de Juhani Pallasmaa “Habitar”

António Baptista Coelho

Resumo

No artigo desenvolve-se uma reflexão pessoal e livre e uma apresentação comentada do livro de Juhani Pallasmaa, intitulado “Habitar”; ao longo do texto regista-se uma apresentação geral da obra, aponta-se a sua estrutura temática, desenvolvem-se algumas notas a propósito da leitura do livro e termina-se com uma breve referência aos títulos de outras obras de Juhani Pallasmaa.

Nota prévia editorial sobre a nova Série: “Apresentação comentada de livros sobre habitat humano”

Com este artigo dá-se continuidade a uma linha editorial da Infohabitar, intitulada “Apresentação comentada de livros sobre habitat humano”, desejada desde há muito, aqui na Infohabitar, e referida a uma apresentação, desenvolvida e, em alguns casos, comentada, de livros recentes e/ou considerados significativos nas áreas temáticas da nossa revista.

Não vai haver grandes limites relativamente ao ano de edição, havendo, naturalmente, um relativo privilegiar de livros recentes e, portanto,

provavelmente, menos conhecidos dos leitores, e sendo, sempre, de ter em conta a desejável disponibilidade editorial dos livros apresentados e comentados; mas os “velhos clássicos”, conhecidos, mal conhecidos ou injustamente pouco ou nada referidos não serão esquecidos, pelas razões óbvias e, até, porque há, sempre, as bibliotecas ...

Como os leitores sabem, tem havido já apresentações de livros na nossa revista, mas realizadas de modo eventual e sem periodicidade, ou sem um desenvolvimento ou comentário, decorrentes de uma sua leitura completa e atenta, por um dado autor, que, naturalmente, apresenta a sua opinião pessoal sobre a obra que é apresentada.

Julga-se que a actualidade é marcada pela enorme riqueza do acesso directo e indirecto à informação, através do muito de que descobrimos e do que lemos na WWW, mas também por uma expressiva “velocidade” e, por vezes, alguma ligeireza na consideração e na reflexão sobre o praticamente infinito campo de documentação existente (também na WWW) sobre uma dada temática. Esta velocidade parece ser incontornável face à quantidade da referida documentação e informação, mas, por vezes, talvez não nos proporcione um adequado “respiro” e salutar e relativo distanciamento no pensar, aprofundada e pacientemente, sobre um dado tema, dificultando a geração de ideias bem sedimentadas e desenvolvidas; e tudo isto ainda influenciado por uma actualidade em que mesmo as livrarias dificilmente disponibilizam um adequado acervo editorial, substituído pelo leque de edições mais recentes e continuamente renovadas; mas há, sempre, as bibliotecas ...

Parece ser, assim, altura para poder reduzir um pouco essa velocidade de “absorção de ideias/informação”, concentrando-nos, também, com algum detalhe e tempo sobre a sequência de ideias que um dado autor desenvolve num dado livro; neste caso, evidentemente, em matérias referidas às temáticas abordadas aqui na nossa revista – e quando estava a escrever esta “justificação” lembrei-me que será um pouco como resgatar o “slow-reading”,

conceito este aqui reinventando um pouco à imagem da “slow-food” e das “slow-cities”, numa perspectiva que não põe em causa, nem o podia fazer, a velocidade do tempo e da investigação atuais, mas que deseja não dar a perder a riqueza de uma velocidade mais lenta, e eventualmente talvez mais fundamentada e ponderada, o que parece ser até bem oportuno quando se está a (re)pensar, profunda e diversificadamente, sobre o atual e futuro quadro do habitat humano pormenorizado, urbano e habitacional.

Habitar no espaço e no tempo - a propósito do livro de Juhani Pallasmaa “Habitar”

Breves notas explicativas

No texto que se segue faz-se uma reflexão livre e uma apresentação comentada relativamente ao livro de Juhani Pallasmaa (*) intitulado “Habitar”, editado pela Editorial Gustavo Gili (GG), Barcelona, em 2016 (**).

Salienta-se que o livro tem, já, uma edição em português, também da mesma editora, de 2017 – ver <https://ggili.com/habitar-livro.html>

Importa desde já clarificar que os comentários desenvolvidos são, evidentemente, pessoais, designadamente, quando se apresentam reflexões que decorreram da respectiva leitura.

Na parte inicial do texto incluem-se aspectos mais objectivos, referidos à constituição, estrutura e conteúdos do livro, embora possa acontecer que as respectivas traduções não sejam as mais correctas e/ou adequadas à intenção do autor; e por este facto e desde já se apresentam as devidas desculpas – isto porque a leitura se fez sobre a referida tradução em castelhano.

Nas reflexões e notas que se seguem procurou-se um perfil de natural contenção, seja porque se considera que a apresentação de um livro não será o local adequado para maiores desenvolvimentos, seja porque de forma

alguma se pretende substituir a leitura directa do livro; cuidado este que também esteve presente na apresentação da sua estrutura geral, que não integra todas as temáticas presentes no livro.

E desde já se recomenda a leitura desta obra de Juhani Pallasmaa.

Apresentação geral

Em primeiro lugar apetece referir a cuidada edição deste “pequeno” livro, com a sua atraente e simples ilustração de capa (parece ser o perfil esquematizado do autor), praticamente um “livro de bolso”, bem manuseável, e que, assim, nos desafia a levá-lo connosco para o irmos lendo, calma e agradavelmente; numa atitude que está bem de acordo com os ensaios que nele estão compilados.

O livro tem 127 páginas e a sua organização geral proporciona: (i) seja uma leitura sequencial a partir do respetivo e sintético prólogo, seguindo-se cinco temas/ensaios específicos, mas expressivamente sequenciais, também em termos cronológicos (desde 1994 a 2015); (ii) seja uma leitura tema/ensaio a tema/ensaio, que se recomenda seja feita após a leitura do referido prólogo; e, considerando a dimensão da obra e o seu interesse, considera-se que uma leitura inicial global irá permitir, posteriormente, o agradável retornar aos seus diversos temas.

Interessa ainda sublinhar tratar-se de um livro com um muito amplo leque de potenciais leitores, que, muito claramente, e embora tratando-se de ensaios teóricos e com grande relação com a prática elaborados por um arquitecto, poderão ser pessoas com perfis disciplinares muito diversos, desde que interessadas pela temática do habitat humano.

E julga-se que é sempre de saudar e sublinhar a gradual construção de um verdadeiro corpo teórico-prático, neste caso da disciplina da Arquitectura, a

partir de consolidadas contribuições de investigadores e pensadores do respetivo ramo teórico, pois Juhani Pallasmaa é arquiteto.

Estrutura e principais temas

Depois de um prólogo pouco extenso, com grande interesse e expressiva autonomia, intitulado “habitar no espaço e no tempo”, e no qual o autor também introduz, minimamente, os ensaios que são, depois, apresentados; temos, cronologicamente, os seguintes temas/ensaios: Identidade, intimidade e domicílio (1994, 31 pg.); O sentido da cidade (1996, 10 pg.); O espaço habitado (1999, 27 pg.); A metáfora vivida (2002, 21 pg.); Habitar no tempo (2015, 13 pg.); concluindo-se com a referência à origem dos referidos ensaios.

Notas elaboradas a partir da leitura do livro “Habitar” de Juhani Pallasmaa

Apontam-se, em seguida, alguns aspetos e ideias que resultaram da leitura do livro e para uma mais fiel relação com a obra do autor vão sendo realizadas numerosas citações, entre aspas, de frases de Pallasmaa, lidas no seu livro; relembrando-se as já apresentadas desculpas relativamente a eventuais deficiências na tradução.

Registam-se e salientam-se, desde já, as palavras com que Juhani Pallasmaa inicia este livro, e nas quais cita o Arq.^o Wang Shu (Prémio Pritzker 2012), quando este refere que “para mim qualquer tipo de arquitetura, seja qual for a sua função, é uma casa. Só projeto casas, não arquitetura. As casas são simples. Mantêm sempre uma relação interessante com a verdadeira existência, com a vida”.

Há aqui, portanto, um grande enfoque na importância do habitar na arquitetura, numa perspetiva que alarga esse sentido de habitar a todas as ações

arquitetónicas, e portanto a todas as marcas humanas expressivamente caracterizadas e qualificadas.

Para Juhani Pallasmaa o habitar “é fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado o habitante situa-se no espaço e o espaço situa-se na consciência do habitante, e, por outro lado, esse lugar converte-se numa exteriorização e numa extensão do seu ser , tanto do ponto de vista mental como físico.”

Uma perspectiva que põe em relevo papel da humanização na ação arquitetónica ou numa arquitetura, basicamente, (mais) humanizada – preocupada com o homem que é, sempre, o seu habitante.

E, sequencialmente, Pallasmaa avança para a caracterização do que pode/deve ser uma Arquitetura, desejavelmente, tão sensível como “simples” (aspas minhas), e citando Ludwig Wittgenstein, defende que “não pode haver arquitetura onde não há nada a sublimar”.

E remata defendendo que “no mundo obscenamente materialista de hoje a essência poética da arquitetura está ameaçada simultaneamente por dois processos opostos: a funcionalização e a estetização.”

Processos estes que parecem afastar-se dessa (sempre difícil) simplicidade e humanização arquitetónica, esse novelo de qualidades que estão bem presentes nas cidades e nos edifícios antigos, pois:

“As cidades e os edifícios antigos são acolhedores e estimulantes [...], incorporam e evidenciam as marcas/pegadas de um momento diferente do nosso sentido de tempo contemporâneo, nervoso, apressado e liso; projetam um tempo «lento», «espesso» e «táctil».”

E não seria possível deixar aqui de lembrar, a propósito, a noção de “slow-cities”, já apontada no início deste artigo, uma noção que não põe em causa a velocidade do tempo actual, mas que deseja não perder a riqueza de uma velocidade mais lenta, e eventualmente talvez mais fundamentada e ponderada, que marca, em profundidade, tantas das cidades e dos edifícios que mais nos marcam/marcaram e de que mais gostamos.

Depois, mais à frente, Pallasmaa defende que “na nossa cultura da abundância chegámos a converter-nos em pessoas sem lar/hogar.”

E, a propósito, não poderia deixar de referir que, há já alguns anos, numa sessão de apresentação de um livro fui questionado, depois de defender um habitat humano verdadeiramente caracterizado e apropriável, por uma pessoa do público que defendia que a habitação actual não deveria ter nada a ver com isso, sendo, sim, um simples produto de consumo.

Mas, afinal, quem sabe se tudo isto não tem, também, a ver com a real dificuldade de se desenvolver essa verdadeira expressividade e humanização no habitat humano, que se liga, tal como aponta Pallasmaa, aos “aspectos mais subtis, emocionais e imprecisos do lar.”

E, conseqüentemente, e tal como aponta o autor, a arquitetura actual caracteriza-se por uma gradual “perda de empatia para com o habitante”, num afastamento da visão social e/ou empática da vida, procurando “encarniçadamente evitar ou eliminar a imagem onírica” [da casa/do lar].

E sobre esta importante matéria que marca (pode marcar) a caracterização do habitat humano e, naturalmente, a sua conceção arquitetónica, esse sonhar a casa/o lar, Pallasmaa questiona se os arquitetos o fazem, ou será que serão os artistas a fazê-lo, mais naturalmente; e incluindo, aqui (digo eu), alguns arquitetos artistas, que concebem “também” (aspas minhas) com arte, sistemática ou excepcionalmente – isto porque, evidentemente, a obra de arte vai acontecendo, julga-se, de forma não sistemática.

E por isso e tal como refere Pallasmaa, “as obras artísticas que tratam o espaço, a luz, os edifícios e o habitar podem proporcionar lições valiosas aos arquitetos sobre a própria essência da arquitetura.”

Depois, sobre a essência do lar/fogo, o autor refere que “não é um simples objeto, ou um edifício, mas um estado difuso e complexo que integra recordações e imagens” e que se tem de caracterizar, tanto por um sentido de estabilidade/permanência – referindo-se Pallasmaa a Bachelard –, como por um cuidado equilíbrio entre comunidade e privacidade – referindo-se o autor ao livro de Alexander e Chermayeff, “Comunidade e Privacidade” (e não posso aqui de referir que, desde há muito tempo, não registava uma referência específica a esta obra, que também considero fundamental).

Pallasmaa desenvolve, em seguida, as estimulantes matérias da imagem, da nostalgia, da identidade e da intimidade no lar/habitação, passando, depois, para o que designa de “ingredientes do lar/casa”, sendo alguns deles mais genéricos e outros mais específicos e, por vezes, simbólicos (ex., a chaminé, a mesa).

E finalmente, nesta matéria da caracterização do habitar/lar aborda a relação da respetiva conceção arquitetónica com objetivos de tolerância, mas também de estímulo e de um forte relacionamento com a vida; e aqui aponta que a arquitetura contemporânea de vanguarda tende a abandonar a problemática do habitar, e que a arquitetura actual “parece ter abandonado por completo a vida e ter-se dirigido para a pura invenção arquitetónica”; e sobre esta matéria cita um famoso arquiteto bem conhecido, que defende que, atualmente, a arquitetura deve abrigar e não romantizar essa função de abrigo.

Juhani Pallasmaa passa depois para um ensaio sobre o sentido da cidade – a cidade percebida, recordada e imaginada.

Poderíamos nós dizer: a cidade bem habitada e sentida. Apontando interessantes aspetos, como os que são, em seguida, registados: que “a cidade contém mais do que se pode descrever”; que “a imagem de uma cidade acolhedora não é uma expressão visual, mas sim um princípio integrado que se baseia numa dupla e peculiar fusão: habitamos a cidade e a cidade habita-nos.”

E depois fala/escreve sobre as cidades que se visitam e nos visitam continuamente, sobre as cidades multisensoriais, sobre os remansos verdes e apaziguadores que marcam as cidades, sobre as cidades “afortunadas” junto à água, e sobre as cidades velozes na sua perceção; rematando, de certa forma, com algumas ideias:

“ Temos uma capacidade inata para recordar e imaginar lugares. A perceção, a memória e a imaginação estão em constante interação;”

“há cidades que permanecem como meras imagens visuais ao ser recordadas, e cidades que se recordam em toda a sua vivacidade/animação.”

E parece ser , aqui, tão interessante como oportuno ensaiar a aplicação destas últimas noções ao habitar no seu conjunto e lembrando o lar/casa: e tudo se aplica, praticamente da mesma forma; recordar e imaginar/recriar lugares, lembrar ativamente sítios verdadeiramente habitados/vivos e expressivamente caracterizados.

Depois, naturalmente, Pallasmaa avança para a temática global do “espaço habitado”, num extenso ensaio em que aborda diversos subtemas, entre os quais se salientam os seguintes: o mundo e a mente, o espaço existencial (“vivemos um mundo onde o material e o mental, o experimentado, o recordado e o imaginado, se fundem completamente entre si”); a realidade da

imaginação; a realidade da arte; utilidade e inutilidade (“na opinião de Alvar Aalto a arquitetura não é em absoluto uma área da tecnologia; é uma forma de «arqui-tecnologia».” Pallasmaa citando Göran Schildt, em “Alvar Aalto Luonnoksia”); novidade e eternidade; arte e emoção; a tarefa da arte; o conhecimento através da arte; o pensamento sensorial; a mão que pensa, e aqui chegando Pallasmaa cita (a partir de “The Sculptor Speaks” de Philip James) o que julgo ser uma extraordinária frase do grande escultor Henry Moore sobre como o escultor deve “«agarrar» simultaneamente múltiplos pontos de vista na sua obra” – e citando o princípio da frase de Moore, que podemos usar no que considero ser uma excelente aproximação também à conceção arquitetónica:

“Isto é o que o escultor deve fazer. Deve esforçar-se continuamente em pensar a forma, e utilizá-la, na sua completa totalidade espacial[...] Visualiza mentalmente uma forma complexa a partir tudo o que a rodeia; enquanto olha de um lado sabe como é o outro; identifica-se com o seu centro de gravidade, a sua massa, o seu peso; está consciente do seu volume e do espaço que a forma move/subtrai no ar.”

E Pallasmaa termina este ensaio com um texto que salienta a importância da imaginação para uma vida plena e digna.

O ensaio que se segue intitula-se “a metáfora vivida” e nele o autor contrapõe a actual cultura materialista e racional, que considera os edifícios como elementos apenas instrumentais e utilitários e que os “equipa”, estrategicamente, com imagens visualmente estimulantes mas não radicadas na nossa experiência existencial, a uma arquitetura onde “as casas da nossa memória e imaginação estruturam as nossas experiências” – relativas ao habitar casa e cidade, de certa forma, intermediando e estruturando essa mútua relação.

E, sequencialmente, no ensaio aborda variados temas, entre os quais se apontam os seguintes: a arquitetura como metáfora; a imagem poética; a imagem arquitetônica (“a arquitetura humaniza o mundo ao dar-lhe uma medida e um horizonte”); a casa e o corpo; a historicidade das imagens; imaginário da janela e da porta; tradição e novidade (“a tradição é uma impressionante sedimentação de imagens e não pode inventar-se, só se pode viver-se. A tradição constitui uma escavação sem fim de mitos, recordações e experiências comuns.”).

Juhani Pallasmaa conclui este seu livro com um ensaio recente (2015) sobre o “habitar no tempo” e nele, de certa forma, parece estabilizar uma série de ideias anteriormente apontadas no livro, citando-se, aqui, algumas delas.

. “Ao mediar entre o mundo e nós próprios a arquitetura proporciona marcos e horizontes diferenciados para a experiência, o conhecimento e o significado. Essa visão que hoje prevalece da arquitetura como simples objeto e estrutura visual estetizada é, portanto, significativamente errônea.”

. “No entanto, para além de vivermos no espaço também habitamos o tempo, e a arquitetura medeia igualmente a nossa relação com a passagem do tempo, dando assim uma medida humana ao tempo interminável. “

E, a propósito, não seria possível deixar de referir mais uma daquelas obras sobre arquitetura que deveriam marcar, sempre, a formação em arquitetura: trata-se, naturalmente, do livro de Kevin Lynch “What time is this place?” (1972).

. “Para além de criar a experiência de um espaço único e diferenciado a tarefa fundamental da arquitetura é conservar e definir um sentido de continuidade cultural e salvaguardar a nossa experiência do passado;”

. “As identidades não aderem a coisas isoladas, mas sim à continuidade da cultura e da vida.”

E, “finalmente” (aspas minhas), Juhani Pallasmaa sublinha o caráter e a importância dos sítios/lugares antigos:

“ Um cenário sofisticado, com a sua autoridade e profundidade históricas, coloca-nos em sintonia com as qualidades sensoriais/sensíveis e de entendimento tanto do caráter humano como do cultural”; uma afirmação que, na minha opinião, se aplica com toda a adequação a qualquer obra relevante de arquitetura.

E Juhani Pallasmaa termina este seu "Habitar" com a seguinte frase: “La arquitectura relevante permite experimentarnos a nosotros mismos como seres completamente corpóreos y espirituales.”

(*) Juhani Pallasmaa (Hämeenlinna, 1936) é arquitecto em Helsínquia, foi professor de Arquitectura na Universidade de Tecnologia de Helsínquia, director do Museu de Arquitectura da Finlândia e professor convidado em diversas escolas de arquitectura em todo o mundo; é autor de numerosos artigos sobre filosofia, psicologia e teoria da arquitectura e da arte, e de um conjunto de livros bem conhecidos.

(notas retiradas da apresentação do autor na badana do livro)

Outros livros de Juhani Pallasmaa:

. La imagen corpórea. Imaginación e imaginário en la arquitectura.

. La mano que piensa. Sabiduría existencial y corporal en la arquitectura

. Los ojos de la piel. La arquitectura y los sentidos - Prólogo de Steven Hall y epílogo de Peter Mackeith

() Juhani Pallasmaa, "Habitar", Editorial Gustavo Gili (GG), Barcelona, 2016, Tradução de Àlex Giménez Imiralzadu, 127 pg., sem figuras. ISBN: 978-84-252-2923-7**

Página do site da editora dedicado ao livro, na sua edição em português:
<https://ggili.com/habitar-livro.html>

1.ª Edição: segunda-feira, 2 de julho de 2018

<http://infohabitar.blogspot.com/2018/07/sobre-o-habitar-proposito-do-livro-de.html>

Editor: António Baptista Coelho

abc@lnec.pt

abc.infohabitar@gmail.com

abc@lnec.pt

Editado nas instalações do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais (NUT) do Departamento de Edifícios (DED) do LNEC; Infohabitar, Revista do GHabitar (GH) Associação Portuguesa para a Promoção da Qualidade Habitacional – Associação com sede na Federação Nacional de Cooperativa de Habitação Económica (FENACHE).

Apoio à Edição: José Baptista Coelho - Lisboa, Encarnação - Olivais Norte.

Etiquetas/palavras chave: espaço habitado, habitar, habitar no tempo, habitat humano, Juhani Pallasmaa, livros de Juhani Pallasmaa, o lar, sentido de cidade, sentido de lugar.